



CRITICAL MANAGEMENT STUDIES NO ENSINO: A TEORIA CRÍTICA NO CURSO DE GRADUAÇÃO EM ENGENHARIA DE PRODUÇÃO DA UFRJ

Carlos Eduardo D. de C. Infante – infanteedu@hotmail.com

Ingrid L. Cantanhede – ingridlabanca@pep.ufrj.br

Universidade Federal do Rio de Janeiro

Av. Pedro Calmon, nº 550 - Prédio da Reitoria

2º andar - Cidade Universitária

CEP 21941-901 – Rio de Janeiro - RJ

Resumo: *O presente artigo trata dos conceitos estabelecidos e trabalhados pelo movimento Critical Management Studies (Estudos Críticos em Administração) no contexto do ensino superior. São apresentadas as teorias segundo os principais autores do tema no mundo e as diferenças referentes à produção em estudos críticos de administração no Brasil. É apresentado um estudo de caso sobre o ensino dos conceitos de Teoria Crítica e Estudos Críticos no curso de graduação em Engenharia de Produção da UFRJ e propostos futuros desdobramentos para este assunto dentro do curso estudado.*

Palavras-chave: *Estudos Críticos em Administração, Engenharia de produção, Estudos organizacionais.*

1 INTRODUÇÃO

De acordo com Grey e Fournier (2000), os estudos organizacionais têm três pontos em comum em relação à abordagem que os identificam como estudos críticos em administração: i) irrelevância da performance, que ao contrário da *mainstream*, não busca conhecimentos concernentes à eficiência de gestão; ii) desnaturalização, abordagem que tenta levantar alternativas às práticas dominantes e, portanto, naturais na *mainstream*; iii) reflexibilidade, ao contrário do positivismo adotado pelos “gurus” da administração.

Davel e Alcadiapani (2003) apud Paes de Paula A. P. *et al* (2010), também elenca três critérios para classificar os estudos organizacionais críticos: i) visão desnaturalizada, na qual a organização é suscetível a falhas; ii) desvinculação da performance, pois o conhecimento gerado não está submetido à questões de eficiência e lucratividade; iii) intenção emancipatória, que trata da humanização das organizações.

FARIA (2009), entretanto, aborda os estudos organizacionais críticos a partir de quatro grandes áreas: i) teoria crítica frankfurtiana; ii) teoria crítica em estudos



organizacionais; iii) *critical management studies*; iv) análise crítica em estudos organizacionais.

A primeira abordagem acerca do estudo da administração, chamada de Administração Científica, foi criticada pela Escola das Relações Humanas por negligenciar as relações interpessoais no ambiente de trabalho. A partir daí, as críticas internas da administração se multiplicaram de tal forma que KOONTZ (1980) classificou a teoria geral da administração como uma “selva da teoria das organizações”.

HAMMER & CHAMPY (1993) também criticaram a tradicional divisão do trabalho: “Os problemas que afligem as organizações modernas não são problemas de tarefa. São problemas de processo. O motivo da demora na geração de resultados não é o fato de as pessoas estarem, individualmente, realizando as tarefas de forma lenta e ineficiente (...).”

SENGE apud FONTANA (2002) propõe uma nova visão e práticas renovadas no que tange ao meio ambiente, criticando assim o sistema industrial vigente, grande gerador de resíduos. A sua proposta é baseada na criação de valor sem a necessidade da produção de lixo.

Ainda sobre críticas internas, DE PAULA *et al.* (2010) faz um levantamento entre os autores brasileiros e revela que a maioria deles trata de temas como exploração, repressão, relações de poder, dominação e disciplina, emancipação, autonomia dos sujeitos e grupos sociais, epistemologia crítica, das racionalidades que permeiam as organizações e de formas alternativas de analisar as organizações, os impactos das novas tecnologias nas condições de trabalho dos indivíduos e grupos sociais. Há ainda artigos que criticam as condições de ensino no mundo do *management* e o caráter funcionalista das pesquisas realizadas na área, ou propõem formas de pedagogia crítica e pesquisa engajada, outros artigos que criticam o uso de tecnologias gerenciais visando melhoria de performance e mostram os seus efeitos perversos para os indivíduos e organizações. E por fim autores que criticam o sofrimento humano e a administração da subjetividade a partir de uma perspectiva psicossocial.

Esses mesmos temas elencados por DE PAULA *et al.* (2010) são também alvos de críticas de autores externos ao *mainstream*, muitos deles sociólogos, que questionam o papel dos administradores e da organização burocrática na sociedade.

A deteriorização da competitividade da economia americana frente à japonesa e, logo após, o fracasso também do modelo japonês de eficiência abriu espaço para a fragmentação e a instabilidade do conhecimento administrativo determinista. Com isso reforçou-se a descrença em relação às formas tradicionais de pesquisa e práticas em administração.

O termo *critical management studies* foi cunhado no início da década de noventa por Mats Alvesson e Hugh Willmott. Esses autores podem ser considerados os criadores do movimento *critical management*. Segundo WILLMOTT (1992), o status ao qual os gerentes foram alçados foi um dos elementos motivadores do surgimento dos estudos críticos. O movimento *critical management* é fortemente influenciado pelo pós-modernismo, pós-estruturalismo, marxismo, dentre outros movimentos sociológicos.



2 CRITICAL MANAGEMENT STUDIES NO BRASIL

O *Critical Management Studies* (CMS) ou Estudos Críticos em Administração (ECA), no Brasil se confunde com Estudos Organizacionais Críticos (EOC), pois os estudiosos Alberto Guerreiro Ramos e Maurício Tragtenberg, entre as décadas de 1950 e 1990, já produziam trabalhos científicos que seguiam esta linhagem, além de outros acadêmicos brasileiros na década de 1980 desenvolverem estudos críticos que antecederam o CMS, mas que seguiam o pensamento de EOC de língua francesa (DE PAULA *et al.*, 2010). Isso fez com que o CMS no Brasil detivesse uma autonomia em comparação com o americano e o europeu, já que a base epistemológica destes estudos se contrapunha às dessas regiões.

Essa diferenciação se deve ao pensamento humanista radical, característico de Guerreiro Ramos e Tragtenberg, contrapondo-se às produções do CMS que têm como pilar o pós-estruturalismo. Desta forma, a produção nacional enfatiza a autonomia dos indivíduos e a autogestão, temas marginalizados pelo movimento CMS europeu. Mais recentemente, após o ano 2000, a CMS de base pós-estruturalista vem ganha adeptos no país (DE PAULA *et al.*, 2010), apesar do pluralismo de escopo, mas ainda é tênue, já que há um patrimônio teórico e epistemológico autônomo que tem-se preservado.

Tanto Guerreiro Ramos como Tragtenberg deixaram um legado de seguidores de suas ideologias, dentre eles podemos destacar: Ramon Moreira Garcia, Maurício Roque Serva de Oliveira, Fernando Guilherme Tenório, José Henrique de Faria e Fernando Prestes Motta, sendo os três primeiros seguidores de Guerreiro Ramos, cuja linhagem segue a da Escola de Frankfurt; e os demais, de Tragtenberg, cujos pensamentos são heterodoxos. Por ser um especialista no assunto cujas produções são mais recentes que as de Guerreiro Ramos, traçou uma linha própria de pensamento, mesmo que sua proximidade com a teoria crítica não o tenha caracterizado como um intelectual frankfurtiano, mas sim, um estudioso da burocracia, das formas de poder e da dominação, através do anarquismo e marxismo (FARIA, 2009).

Apesar de, a partir do ano 2000, o CMS europeu estar mais difundido no país, sobretudo pela influência de estudiosos franceses, não há seguidores declarados destes autores (DE PAULA *et al.*, 2010), e isto pode ser verificado pela literatura européia servir apenas como subsídio aos estudiosos brasileiros, já que a identidade nacional nestas pesquisas já está enraizada.

Vale a ressalva que apesar da influência do pós-estruturalismo, típico do CMS europeu, ter crescido a partir de 2000, verificou-se uma retração nos últimos anos, embora isso não caracterize uma corrente independente de estudos crítico nacional.

3 CRITICAL MANAGEMENT STUDIES NO ENSINO

Uma das principais funções identificadas pelos autores no movimento CMS é a de inserção das considerações críticas no ensino de Administração, tanto em nível de graduação, quanto de pós-graduação e formações continuadas. A crítica inserida no ensino de administração pode ser considerada o estado da arte do *Critical Management*, uma vez que neste contexto há a maior atividade intelectual e acadêmica relacionada às



práticas críticas de gestão, a partir da qual poderão se concretizar os conceitos em formas de aplicação nas organizações.

A inserção dos conceitos de *Critical Management* no ensino, hoje dominado pelas teorias clássicas de negócios de máxima eficiência e lucratividade, tem como papel formar profissionais mais conscientes e socialmente engajados, que viriam a utilizar tais conceitos na aplicação prática de suas competências no mercado corporativo. As empresas demandam profissionais que possuam domínio das técnicas administrativas, enquanto a sociedade necessita de indivíduos com formação e visão mais crítica, interdisciplinar e humanística. A atuação desses profissionais deveria ir além do simples preenchimento das necessidades das empresas, contrariando certa “lógica de reprodução” (AKTOUF, 2005).

O ensino crítico em Administração teve seu desenvolvimento iniciado no Reino Unido na década de noventa, com o movimento *Critical Management Education*, paralelo a evolução do movimento CMS. MINGERS (2000) descreve a experiência de ministrar a disciplina *Critical Issues in Management* em uma turma do último ano da graduação na *Warwick Business School*, com uma abordagem crítica interdisciplinar, levantando problemas inerentes ao conhecimento em administração, de maneira que o questionamento crítico alimentasse a consciência dos estudantes deixando ideias para a vida profissional. Foram consideradas a crítica da retórica, a crítica da tradição, a crítica da autoridade e a crítica da objetividade, além de questões relacionadas à cidadania corporativa, assédio, ética, etc. Na avaliação do autor, o curso foi relativamente bem sucedido, pecando no sentido de que os estudantes assumiram o pensar crítico com um dado objetivo, não sendo gerando críticas autênticas. Foi exposta a dificuldade na implantação de uma proposta crítica em um contexto onde o positivismo predomina, porém apenas com repetições da experiência seria possível avaliar mais profundamente as possibilidades da inserção do pensar crítico no âmbito educacional naquela instituição.

De acordo com DE PAULA & RODRIGUES (2006), “a pressão da cultura imediatista da gestão vem levando boa parte dos alunos a demandarem das escolas de negócios uma pedagogia tradicional. Esperam dos cursos e dos docentes soluções prontas e respostas inquestionáveis, tendendo a reagir às propostas construtivistas e à incerteza que é própria do processo de aprendizado nessa perspectiva”. É notável que o mercado preconiza uma visão tradicional, voltada a eficiência dos negócios. Não obstante, as universidades, enquanto formadoras de mentes pensantes e capazes de resolver problemas criticamente, deveriam ter o papel de formar gestores preparados para conduzir-se profissionalmente de forma socialmente benéfica. Em um artigo sobre o ensino crítico em Administração em universidades federais do Estado de Minas Gerais, FREITAS JUNIOR *et al.* (2007) levanta algumas questões importantes sobre o assunto, porém ainda sem uma resposta definida: “*Afinal, a inserção dos ECA nos cursos de graduação em Administração estaria associada a uma perspectiva teórico-conceitual da disciplina ou ao tipo de formação do docente que conduz o seu desenvolvimento? Existiriam limites disciplinares em que tal vertente teórica não se aplicaria? É possível superar a lógica da reprodução do mainstream, na medida em que se insere a perspectiva crítica nos cursos de graduação em Administração? O ensino em Administração deveria ser voltado para o atendimento dos interesses do mercado ou*



também deveria contemplar as demandas da sociedade? Adicionalmente, seria possível a construção de um curso que refletisse um determinado balanceamento entre as racionalidades instrumental e substantiva, considerando-se a não existência de tipos puros de racionalidade?” [p.13]

O movimento *Critical Management Studies* (CMS) busca inserir o pensamento crítico na Administração de forma desvinculada dos métodos e teorias tradicionais. Uma melhor aplicabilidade dos conceitos do *Critical Management* poderia se dar através da internalização dos mesmos no pensamento dos profissionais que exercem a gestão nas organizações. Dessa forma, é inegável a importância da inserção da crítica no ensino das profissões que virão a lidar com a gestão das organizações, como é o caso do curso de Engenharia de Produção. A graduação possivelmente seria o momento mais importante para introdução do pensamento das teorias críticas, uma vez que nesta fase os estudantes estão começando a moldar seu perfil profissional.

Segundo FARIA & MENEGHETTI (2005), a razão tradicional é relacionada ao desenvolvimento tecnológico, do conhecimento e ao progresso da dominação por meio de uma razão técnica e instrumental. Já a razão crítica questionaria as consequências deste desenvolvimento. Assim, a internalização da dimensão crítica, assim como do pensar construtivista neste sentido, na formação inicial dos profissionais que exercerão, provavelmente, o ofício da gestão, seria fundamental para o questionamento social e ambiental, e aplicabilidade destas teorias em problemas administrativos, como por exemplo, os constrangimentos diversos relacionados às relações de trabalho.

4 A ENGENHARIA DE PRODUÇÃO NA UFRJ E O ENSINO CRÍTICO

De acordo com a Associação Brasileira de Engenharia de Produção (ABEPRO), a Engenharia de Produção se dedica ao projeto e gerência de sistemas que envolvem pessoas, materiais, equipamentos e o ambiente. O engenheiro de produção tem como área específica de conhecimento os métodos gerenciais, a implantação de sistemas informatizados para a gerência de empresas, o uso de métodos para melhoria da eficiência das empresas e a utilização de sistemas de controle dos processos da empresa. Tudo o que se refere às atividades básicas de uma empresa tais como planejar as compras, planejar e programar a produção e planejar e programar a distribuição dos produtos faz parte das atribuições típicas do engenheiro de produção. É por isso que o engenheiro de produção pode trabalhar em praticamente qualquer tipo de indústria.

A visão sistêmica, ou seja, a capacidade de compreender os sistemas tendo o conhecimento do todo, de modo a permitir a análise ou a interferência no mesmo, é uma das principais características da Engenharia de Produção, pois como se pode observar no portal www.abepro.org.br, são consideradas áreas da Engenharia de Produção: Gestão da Produção, Gestão da Qualidade, Gestão Econômica, Ergonomia e Segurança do Trabalho, Gestão do Produto, Pesquisa Operacional, Gestão Estratégica e Organizacional, Gestão Ambiental e, Educação em Engenharia de Produção. Dessa forma, é notória a diversidade e amplitude dos campos de atuação do engenheiro de produção.



De acordo com o site da Escola Politécnica da UFRJ, “*o curso de Engenharia de Produção permite o diplomado a atuar no planejamento, projeto, implantação, avaliação e controle de sistemas de produção, baseando-se em conhecimentos especializados das ciências matemáticas, físicas e sociais, em conjunto com os princípios e métodos de análise e de projeto, buscando integrar harmoniosamente homens, máquinas, equipamentos e meio ambiente. O currículo contempla as áreas de Gerência de Produção, Economia e Engenharia Econômica, Métodos Quantitativos, Informática e Automação Industrial, Tecnologias Básicas e Ciências Sociais.*”

No ensino de engenharia, a Engenharia de Produção, denominada inicialmente de Engenharia Industrial, fazia parte do Curso de Engenharia Mecânica. Os cursos de Engenharia Mecânica de diversas universidades do Brasil possuíam duas ênfases – Projeto e Produção. Posteriormente, foi estendida como especialidade das outras habilitações em Engenharia e uma habilitação específica. O Curso de Engenharia de Produção da Escola Politécnica foi aprovado pelo Conselho Universitário da UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro – em 1971, inicialmente com a denominação de Curso de Engenharia Industrial, e o currículo mínimo foi aprovado pelo Conselho Federal de Educação do MEC – Ministério de Educação e Cultura – em 25.01.1974, já com o nome de Engenharia de Produção. A primeira turma de Engenharia de Produção foi graduada em dezembro de 1973, e foi oficializada essa graduação logo após a aprovação pelo MEC.

O curso de Engenharia de Produção da UFRJ possui um número mínimo de 3.600 horas de aulas, e além do núcleo comum, o currículo contempla duas áreas: Engenharia Econômica e Gerência de Produção. Para a área de Engenharia Econômica são exigidos 15 créditos em disciplinas optativas da área escolhida e 9 de Gerência da Produção, assim como para a área de Gerência de Produção são exigidos 15 créditos desta área e 9 da área de Engenharia Econômica. No núcleo comum, existem 57 disciplinas obrigatórias, totalizando 194 créditos, 9 créditos de disciplinas de escolha condicionada contemplando conhecimentos associados a engenharia de produção e 3 créditos de disciplinas de escolha livre de qualquer um dos departamentos da UFRJ.

Analisando as ementas das disciplinas do currículo, ainda com conhecimento tácito dos autores sobre tais disciplinas por terem cursado as mesmas, foram identificadas aquelas que possuem algum viés crítico ou potencialmente poderiam vir a ter, de acordo com os critérios citados: i) visão desnaturalizada, na qual a organização é suscetível a falhas; desvinculação da performance, pois o conhecimento gerado não está submetido à questões de eficiência e lucratividade; iii) intenção emancipatória, que trata da humanização das organizações.

Em um universo de 123 disciplinas (57 disciplinas obrigatórias, 52 de escolha condicionada e 14 de escolha restrita) ofertadas por este curso, foram categorizadas um total de 9 disciplinas (6 disciplinas obrigatórias e 3 de escolha condicionada), ou seja, 7,32% das disciplinas totais que apresentam em suas ementas conteúdo crítico, de acordo com o referencial apresentado.

Dentre as disciplinas obrigatórias, destacam-se seis disciplinas. A disciplina Introdução à Engenharia de Produção se preocupa em ambientar os novos alunos aos termos, campos de conhecimento e métodos próprios da Engenharia de Produção, além de abordar sua importância e a influência da atuação profissional deste engenheiro tanto



na própria engenharia como nas organizações, na sociedade e no ecossistema. A disciplina Engenharia e Meio Ambiente possui a proposta de apresentar e discutir conceitos e aspectos relacionados à problemática ambiental contemporânea. A disciplina Engenharia de Métodos relaciona a utilização de melhores técnicas de realização do trabalho à construção de um ambiente saudável de trabalho, através da análise e projetos de situações, como: a antropometria, dispositivos de informação e controle, buscando sempre uma sinergia entre os aspectos cognitivos do trabalho. A disciplina Engenharia do Trabalho enfoca na importância da segurança no trabalho e nos fatores motivacionais, procurando assim, um melhor e mais adequado ambiente de trabalho. A disciplina Organização e Avaliação do Trabalho por sua vez, engloba aspectos relacionados à gestão do trabalho baseando-se na evolução da organização do trabalho na sociedade capitalista, onde através da abordagem de Guerreiro Ramos é discutido a evolução da sociedade brasileira. Além disso, são avaliadas como as relações no trabalho e como as formas de remuneração de mão-de-obra repercutem psico e economicamente nos trabalhadores e para a organização. Por fim, a disciplina Psicologia e Sociologia Industrial possui proposta de apresentar e discutir conceitos e aspectos relacionados as novas abordagens exigidas pelo novo paradigma industrial, aos princípios do gerenciamento da motivação e aprendizagem, além dos papéis dos engenheiros de produção no surgimento de uma nova cultura organizacional.

Quanto às disciplinas de escolha condicionada, verificou-se a existência de três disciplinas. Primeiramente, a disciplina Humanidades e Ciências Sociais procura discutir aspectos do pensamento econômico como fator social, introdução à economia e à evolução do pensamento econômico. Também se preocupa em apresentar e recontextualizar a indústria à sociedade, a administração científica do trabalho à administração de recursos humanos, a ciência, tecnologia ao desenvolvimento, além de focar na avaliação social de projetos de engenharia, com uma noção orgânica e sistêmica do direito. A disciplina Relações Industriais busca abordar as relações de trabalho entre a Engenharia de Produção e diferentes áreas de conhecimento, contextualizando a globalização, o progresso tecnológico e o desenvolvimento à flexibilização, à desindustrialização, à precarização das relações de trabalho e à exclusão social. Buscando assim, fazer uma análise do cenário atual e propor cenários e perspectivas futuras tanto para os blocos regionais e quanto para as empresas globais. E por fim, a disciplina Ética e Engenharia de Produção enfoca na atuação profissional e social do engenheiro de produção através do conhecimento, poder, ética, valores técnicos e humanos.

Quanto às disciplinas de escolha restrita, não foi identificado teor de estudos críticos nestas. Na área de Engenharia Econômica, as disciplinas possuem um conteúdo muito voltado para o setor financeiro e análises econômicas, não contemplando questões críticas relacionadas à administração, gestão ou engenharia. Quanto à área Gestão da Produção, as disciplinas contemplam conteúdo técnico e estratégico relacionado à administração da produção e projetos. Ainda, considerando a área de gestão da produção, identificou-se a oportunidade de inserir uma idéia de crítica na disciplina Gestão de Recursos Humanos, que trata da administração de pessoas e das relações de trabalho, porém não se envereda na crítica, conforme exposta neste trabalho, a este campo de conhecimento.



De acordo com o trabalho “Avaliação das disciplinas do curso de Engenharia de Produção” realizado por Manoel Friques (2010), aluno do curso de graduação em Engenharia de Produção da UFRJ, que contempla uma pesquisa com alunos egressos do mesmo curso sobre a relevância das disciplinas do núcleo comum (obrigatórias e de escolha condicionada) para o exercício profissional, com relação as disciplinas consideradas de teor crítico, apenas Introdução à Engenharia de Produção foi citada como contemplante de tópicos de grande relevância. Além desta disciplina, outras foram citadas, porém, com baixa ocorrência, como relevantes: Ética e Engenharia de Produção, Humanidades e Ciências Sociais e Psicologia e Sociologia Industrial.

Segundo o mesmo autor, o motivo para o destaque da disciplina Introdução à Engenharia de Produção deve-se à grande quantidade de tópicos referentes à disciplina - otimização, execução, viabilidade, projeto executivo, conceito de projeto e qualidade, prazos e custos – pois confirma a importância desta para a formação dos futuros engenheiros e essencial para o desenvolvimento profissional. Entretanto, as disciplinas não ou pouco mencionadas pelos alunos não foram inteiramente descartadas por eles, por mais que não sejam utilizadas, de maneira direta, nas tarefas e rotinas diárias dos engenheiros, elas atuam indiretamente através do raciocínio por eles empregados nas tomadas de decisão.

5 CONCLUSÃO

O objetivo deste trabalho foi de abordar o movimento *Critical Management Studies* (Estudos Críticos em Administração) no ensino e verificar a inserção dos Estudos Críticos em Administração (ECA) no currículo do curso de graduação em Engenharia de Produção na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Assim, pretendeu-se com este estudo verificar se existem no currículo dessa instituição disciplinas específicas relacionadas às diversas abordagens que constituem os ECA. Para tanto, efetuou-se uma pesquisa documental junto às grades curriculares e ementas de disciplinas.

Este levantamento teve o objetivo de permitir a categorização das disciplinas quanto ao seu conteúdo, visando identificar aquelas que estivessem alinhadas à temática de Estudos Críticos em Administração. Tal categorização se fundamentou no referencial teórico construído neste artigo, e, principalmente, nas contribuições de Davel e Alcadipani (2003) e de Alvesson e Deetz (1999), dentre outros autores que trabalham com a temática dos ECA e com a problemática do ensino em Administração.

Dessa forma, verificou-se a inserção de disciplinas com temáticas relacionadas aos Estudos Críticos em Administração. Contudo, constatou-se que tal inserção ainda é incipiente, tendo em vista que apenas nove disciplinas (7,32% do total) foram categorizadas como vinculadas aos ECA. Ao se constatar que os cursos de graduação analisados são pouco voltados para uma perspectiva crítica, ao menos no que tange às suas grades curriculares, pode-se supor que ocorra certa reprodução da lógica do mercado, articulando vertentes instrumentais vinculadas ao *mainstream*.

As exigências de mercado são cada vez maiores em decorrência das mudanças culturais dos consumidores que se tornam mais exigentes em relação aos preços, níveis de qualidade e características dos produtos e serviços que desejam adquirir e consumir.



Para que uma organização tenha sucesso ela precisa estar sintonizada com essas exigências que se iniciam no processo de transformação de matérias primas em produtos acabados. A Engenharia de Produção tem um papel capital na busca da efetividade organizacional, gerando bases concretas para a conquista de vantagens competitivas produzindo melhor, mais e com menor custo através de seus processos multidisciplinares.

Entretanto, a grande questão que emerge em relação à estrutura dos cursos de graduação, e neste caso, da Engenharia de Produção, é: até que ponto suas grades curriculares apresentam disciplinas e conteúdos capazes de refletir uma formação voltada para valores substantivos, dentro de uma perspectiva crítica? Assim, vem de encontro a esta questão a corrente dos *Critical Management Studies* (CMS), ou, Estudos Críticos em Administração (ECA), como tem sido chamada no Brasil.

A partir desses questionamentos, pode-se constituir uma agenda para pesquisas futuras, na medida em que permitem ampliar e aprofundar o conhecimento sobre a problemática levantada neste trabalho. Em relação à Engenharia de Produção da UFRJ, baseado neste estudo e nos resultados do trabalho realizado por Manoel Friques (2010), é sugerido um incremento deste trabalho mediante entrevistas com os professores e alunos deste curso, além da busca por opiniões, percepções e embasamentos bibliográficos sobre teoria crítica na grade.

Por fim, espera-se que este trabalho contribua para gerar uma maior reflexão acerca da formação do profissional graduado em Engenharia de Produção, de modo que este esteja mais voltado para questões relacionadas com a sociedade, na medida em que se permitam visões alternativas e complementares para o ensino e para o campo dos estudos organizacionais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVESSON, M.; WILLMOTT, H. *Critical management studies*. London: Sage Publications, 1992.

ALVESSON, M. e DEETZ, S. **Teoria crítica e abordagens pós-modernas para estudos organizacionais**. In: Clegg, S., Hardy, C., Nord. São Paulo: Atlas, 1999.

GREY, G.; FOURNIER, V. At critical moment: Conditions and perspectives for *critical management studies*. **Plenum Publishing Corporation**, New York, Jan. 2000.

AKTOUF, O. Ensino de administração: por uma pedagogia para a mudança. **Revista Organização & Sociedade**, Salvador, v.12, n. 35, p. 151-159, out/dez 2005.

DAVEL, E; ALCADIPANI, R. Estudos críticos em administração: a produção científica brasileira nos anos 1990. **Revista de Administração de Empresas**, v. 43, n. 4, p. 72-85, out/dez. 2003.

DE PAULA, A. P. P. ; MARANHÃO, C. S. ; BARRETO, R. ; KLECHEN, C. F. . A tradição e a autonomia dos estudos organizacionais críticos no Brasil. **RAE (Impresso)**, v. 50, p. 10-23, 2010.

DE PAULA, A. P. P., RODRIGUES, M. A. Pedagogia Crítica no Ensino da



Administração: Desafios e Possibilidades. **RAE**. Vol. 46, Edição Especial Minas Gerais, 2006.

FARIA, J. H. de . Teoria Crítica em Estudos Organizacionais no Brasil: o estado da arte. **Cadernos EBAPE.BR** (FGV), v. 7, p. 509-515, 2009.

RODRIGUES FILHO, José. Um estudo da produção acadêmica em administração estratégica no Brasil na terminologia de Habermas. **RAE electron**. [online]. 2004, vol.3, n.2, pp. 0-0. ISSN 1676-5648. doi: 10.1590/S1676-56482004000200005.

VIEIRA, M. M. F. ; CALDAS, Miguel Pinto . Teoria Crítica e Pós-Modernismo: principais alternativas à hegemonia funcionalista. **RAE** (Impresso), São Paulo, v. 46, n. 1, p. 59-70, 2006.

FREITAS JUNIOR, D. B., BORGES, A. F., MESQUITA, D. L., MAFRA, F. L. N. **Os Estudos Críticos e sua Inserção nas Grades Curriculares dos Cursos de Graduação em Administração das Instituições Federais de Ensino Superior de Minas Gerais**. XI SEMEAD. FEA/USP: São Paulo, 2008.

KOONTZ, H. The management theory jungle revisited. **Academy of management review**, Los Angeles, v.5 n.2, p.175–187, 1980. Disponível em: <<http://www.proquest.com>>. Acesso em: 15 maio 2010.

CRITICAL MANAGEMENT STUDIES IN EDUCATION: THE CRITICAL THEORY IN GRADUATE COURSE IN PRODUCTION ENGINEERING OF UFRJ

Abstract: *This document discusses the concepts established and worked by the movement Critical Management Studies (Critical Studies in Administration) in the education's context. Theories are presented by the best authors, of the theme, in the world and the differences concerning the production of critical management studies in Brazil. It presents a case study on education's concepts of Critical Theory and Critical Studies at the undergraduate level in Production Engineering in UFRJ and proposed future developments for this subject within the course studied.*

Key-words: *Critical Management Studies, Production engineering, Organizational studies.*